



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ARETHA MARIA DIAS DE MIRANDA**

**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO  
DE MULHERES SURDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
PARAÍBA – CAMPUS I**

**JOÃO PESSOA  
2019**

ARETHA MARIA DIAS DE MIRANDA

**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO DE  
MULHERES SURDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA –  
CAMPUS I**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia presencial do Centro de  
Educação da Universidade Federal da  
Paraíba, em cumprimento às exigências  
parciais para a obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Aurenisia Coutinho  
Ivo

JOÃO PESSOA  
2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M672e Miranda, Aretha Maria Dias de.  
Estudo sobre as trajetórias de empoderamento de  
mulheres surdas na Universidade Federal da Paraíba -  
Campus I / Aretha Maria Dias de Miranda. - João Pessoa,  
2019.  
48 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Surdez. 2. Mulher. 3. Educação. 4. Empoderamento. I.  
Título

UFPB/BC

ARETHA MARIA DIAS DE MIRANDA

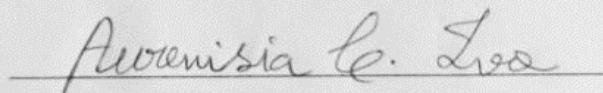
**ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO DE  
MULHERES SURDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA -  
CAMPUS I**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção  
de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

Orientadora: Profa. Ms. Aurenisia Coutinho Ivo

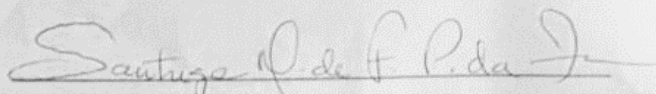
Aprovado em 30/09/2019

BANCA EXAMINADORA




Prof.<sup>a</sup> Ms. Aurenisia Coutinho Ivo

UFPB (Orientadora)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Santuza Mônica de Franca Pereira da Fonseca

UFPB (Examinadora)



Prof.<sup>a</sup> Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

UFPB (Examinadora)

Dedico este trabalho final à Deus, que me permitiu finalizar essa pesquisa de forma correta, me dando saúde, paciência e coragem, aos meus pais que sempre acreditaram em mim e a minha irmã que mesmo sem entender me apoiou em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, sobretudo a Deus, por estar comigo em todos os momentos desta caminhada, sempre me dando força coragem e determinação para vencer as barreiras que se levantaram durante todo o percurso, por toda porta aberta que Ele me concedeu até a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, José Batista e Simone Pinto, que durante todos esses anos priorizaram a minha educação, não desistiram de mim e nunca me deixaram desistir, de forma mais que especial à minha mãe, que mesmo sofrendo pela distância sempre me encorajou a ir em frente.

À minha irmã, Aryelle Pinto, que mesmo sendo tão jovem me deu provas de persistência e de coragem, que ilumina meus dias e me alegra.

Às minhas amigas, Priscila Rodrigues, Ana Carolina Lima, Raíssa Pinto, Beatriz Araújo e Carla Nunes que me ensinaram, através da força de vontade e pelo exemplo, a ser forte e não desistir facilmente, mesmo diante das dificuldades, que me deram a mão tantas vezes e me levaram à um lugar de fé.

Ao meu amado, Cleberson Fernandes, que me ouviu e me ajudou em tantas dúvidas que surgiram nesse processo de conclusão, que pegou na minha mão e me fez crer que eu conseguiria chegar até o fim, por todo apoio e amor a mim demonstrados nesse tempo difícil.

À professora e orientadora Aurenisia Coutinho, que aceitou o desafio de me orientar mesmo estando tão próximo da conclusão desse trabalho, que com paciência e amor me mostrou onde eu estava errando e me possibilitou melhorar, por suas orientações neste trabalho final e por suas contribuições para enriquecê-lo.

A todos os professores e professoras, que nesse processo de formação docente me deram mais do que conteúdos, foram exemplos. Que me levaram ao amadurecimento acadêmico e me mostraram que eu era capaz de ir além.

Agradeço também às discentes que tanto contribuíram para a minha pesquisa, de igual modo à intérprete que me acompanhou em todas as aplicações do questionário e me auxiliou a passar as respostas em LIBRAS para português.

Em resumo, sou grata por tudo e a todos, que de modo geral cooperaram na minha vida acadêmica, pessoal e profissional.

*É maravilhoso ter ouvidos e olhos na alma.  
Isto completa a alegria de viver.  
(HELEN KELLER)*

## **LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS**

**AEE** - Atendimento Educacional Especializado

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**EAD** - Ensino À Distância

**ENABLE** – Department of Economic and Social Affairs Disability

**FUNAD** – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência

**LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais

**LSCB** – Língua de Sinais dos Centros Urbanos

**MEC** - Ministério da Educação e Cultura

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PROGEP** - Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

**TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

**UFPB** - Universidade Federal da Paraíba



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Participantes da pesquisa -----	28-29
<b>Quadro 2</b> - A sua escolaridade básica foi dada em instituições públicas ou privadas? -----	30
<b>Quadro 3</b> - O Ingresso ao Ensino Superior: Quem ou o que te influenciou a ingressar no ensino superior? -----	33
<b>Quadro 4</b> - Barreiras encontradas para ingressar no ensino superior: Quais as principais barreiras que você encontrou para ingressar numa graduação? -----	44
<b>Quadro 5</b> - Mulheres surdas no ensino superior: Você considera importante o ensino superior para as mulheres com deficiência?-----	35
<b>Quadro 6</b> - Curso, rotina acadêmica e dificuldades -----	36

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Acessibilidade na Educação Básica -----	32
<b>Gráfico 2</b> - Acesso ao Ensino Superior-----	33
<b>Gráfico 3</b> - Empoderamento-----	37

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo geral analisar quais fatores levam as mulheres surdas a ingressarem na Universidade Federal da Paraíba, campus I, o questionário foi aplicado no período letivo 2018.1. O presente trabalho apresenta um contexto histórico inicial sobre a surdez e sobre leis de acessibilidade e inclusão, a surdez e como mulheres surdas percorrem o caminho até o empoderamento incansavelmente. Esta pesquisa resultou em uma análise de fatores que estão correlacionados às trajetórias dessas alunas, partindo de uma análise de abordagem qualitativa, cuja coleta de dados contou com a aplicação de um questionário. Os resultados definem, de forma geral, quão importante o ensino universitário é para essas mulheres, como a educação básica, a família e as relações sociais influenciam tais discentes para chegar e prosseguir no ensino superior. Ademais, também foi observado que acontecimentos pontuais foram decisivos para seu ingresso em um curso universitário, porém existem dificuldades que se repetem desde a educação básica até o ensino superior, nos levando a analisar sobre tal realidade.

**Palavras-chave:** Surdez. Mulher. Educação. Empoderamento.

## **ABSTRACT**

This Conclusive Project aims to analyse the circumstances in which deaf women joined at Federal University of Paraíba, campus I, through a data collection in the period of 2018.1. This paper shows an initial historical context about deafness, accessibility and inclusion rights, and how deaf women make their way to empowerment relentlessly. This research resulted at a feature analysis related to these women trajectories, initially by the application of an interview. The results defines, in general, how important the university education is to this women, and how basic education, family and social relations influenced these students to pursue higher education. Nevertheless, it was also observed how punctual events was to their admission into university, although there are repeatedly difficulties since basic education to higher education, leading us to analyse this situation.

**Keywords:** Deafness. Women. Education. Empowerment.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 A REALIDADE SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA</b>	<b>16</b>
2.1 Histórico da exclusão que marca a deficiência	16
2.2 A Deficiência na atualidade e o papel da família e escola	18
2.3 Educação especial no Brasil	19
2.4 Ensino para os surdos	20
2.5 Empoderamento e a luta da mulher surda	21
2.6 Empoderamento	22
2.7 Empoderamento feminino	23
2.8 A superação da mulher surda	24
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>26</b>
3.1 Local da pesquisa	27
3.2 Participantes da pesquisa	28
3.3 Análise e discussão dos dados coletados	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE B: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de curso (TCC), de cunho qualitativo, pretende compreender como se deu as trajetórias de empoderamento de alunas surdas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus I, no período letivo 2018.1, buscando observar o processo de empoderamento que as mulheres surdas viveram para chegar a uma vida acadêmica diferenciada. Consequentemente, delimitamos como objetivo geral analisar quais fatores levam as mulheres surdas a ingressarem na UFPB e como as relações pessoais podem resultar em possíveis benefícios para o ingresso no ensino superior, tendo como metodologia a pesquisa qualitativa e como técnica de coleta de dados a aplicação de um questionário, em um universo de 5 mulheres. Pedagogicamente, esta pesquisa pode favorecer a veiculação de informações relevantes sobre o ingresso de mulheres surdas no ensino superior e como a educação contribui para uma vida diferenciada.

A conjuntura em que uma mulher é posta na sociedade é desigual, estando intrínseco culturalmente e historicamente. Meu convívio com mulheres surdas na Primeira Igreja Batista de João Pessoa, me levou a indagar os motivos que levam essas mulheres estarem buscando conhecimento acadêmico e melhores condições em suas vidas profissionais. Percebemos que são poucos os alunos surdos em cursos presenciais no campus I da UFPB, essa análise orientou a busca por explicações para qual fator acarreta esse fato, e como se relacionam as mulheres surdas que ingressam no campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Atualmente, grande parte dos alunos surdos da UFPB estão matriculados em cursos de Ensino à Distância (EAD), e em suma no curso de licenciatura LETRAS/LIBRAS, porém a maioria desses alunos são homens. Isso decorre porque, em nossa cultura, homens e mulheres são impulsionados a agir de forma diferente um do outro, atuando de forma direta nas ambições que eles têm para o futuro e onde buscarão concretizar seus desejos para tal fim. Tendo tais dados baseado nas questões de sexo e gênero, entende-se que gênero é a concepção aplicada no campo dos Estudos Feministas para lutar contra a estrutura machista que fundamenta a

sociedade, que atribui ao masculino a forma dominante de vida, suscitando ao feminino o posto de dominado.

Nesta percepção, podemos entender a dificuldade de ingresso de mulheres surdas no ensino superior, sendo baseada na construção social que imputa as diferenças entre homens e mulheres. A definição de gênero descarta o “fator” biológico, indicando os fatores culturais como propulsores das dissimilitudes entre os sexos (SCOTT, 1999). Consequentemente, os ambientes mais objetivados, para ter uma vida social diferenciada, acabam sendo dominados por homens.

Desse modo, se torna perceptível que desejamos compreender quais fatores possibilitaram essas mulheres chegarem até o ensino superior. O empoderamento é uma exteriorização de um processo de autonomia e reconhecimento de suas capacidades, sendo alvo de destaque e estudos sobre seu surgimento. A expressão empoderamento provém da palavra inglesa *empowerment* que, segundo Becker, et al., (2004, p. 657), pode definir-se como: [...] “o meio pelo qual as pessoas adquirem maior controle sobre as decisões que afetam suas vidas; ou como as mudanças em direção a uma maior igualdade nas relações sociais de poder, por exemplo, nas relações com quem detém recursos, legitimidade, autoridade e/ou influência”. Logo, esta expressão é entendida como sendo intrincado de determinar, partilhando de várias formas de interpretação. Ao associar esta definição a trajetória de uma mulher surda que decide seguir com seus estudos, acreditamos que parte da transformação e libertação que a educação traz, Freire (2005, p. 78) assegura que:

[...] a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos [...]. Além de libertadora, transformadora e dialógica, essas práticas educativas devem dar poder às mulheres de forma a permitir, tanto às práticas como às relações interpessoais, a utilização de estratégias de “superação” do estado e submisso e de ausência do exercício do poder entre elas.

Sendo assim, a mulher no ensino superior tem a possibilidade de aprofundar seus conhecimentos, superar seus medos e fortalecer a fé em si mesma, o convívio com outras mulheres e a percepção das diferentes formas de chegar até onde elas chegaram revela a elas uma dimensão diferente do

que é proferido, e vivenciado, na sociedade. Após delimitar o objetivo geral, como dito inicialmente, os objetivos específicos são: investigar quais dificuldades que as mulheres enfrentam durante a caminhada para uma educação superior, descrever como se deu a escolarização básica dessas mulheres, quais fatores foram essenciais para o ingresso na educação superior e explorar os fatores que levaram tais mulheres ao empoderamento.

Dessa forma, para a elaboração deste TCC, foram realizadas múltiplas leituras sobre os temas em questão, singularmente surdez e empoderamento, que tornaram possível obter conhecimentos teóricos fundamentais para construir este trabalho. Metodologicamente, priorizamos a pesquisa de cunho qualitativo, sendo a coleta de dados obtida a partir da aplicação de um questionário, contendo 20 (vinte) perguntas, junto às discentes do 4º ao 8º período de cursos variados, como História, Letras/Português, Fisioterapia e Matemática, durante o período letivo de 2018.1. Para este fim, aplicamos um questionário com as alunas pessoalmente ou via chamada de vídeo, sendo aplicado apenas uma aluna por vez, ao entregar o questionário, contando com a ajuda de uma intérprete de Libras que estuda no campus I, explicamos o objetivo da pesquisa, ao término de todas as respostas do questionário, o mesmo foi recolhido e todas assinaram o termo de consentimento.

O trabalho está estruturado na seguinte ordem: no primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico que ampara a pesquisa; no capítulo dois, apresentamos os caminhos metodológicos; o capítulo três apresenta a análise e discussão de dados das respostas contidas no questionário e, por fim, apresentamos as considerações finais.



## **2 A REALIDADE SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

Neste capítulo apresentaremos um breve contexto histórico sobre a exclusão e vulnerabilidade que permeia a deficiência, sendo um ponto relativizado durante muitos anos, a busca por melhoria de vida para aqueles que foram marginalizados e discriminados é constante.

A família foi a primeira a se omitir por muito tempo, fortalecendo a situação de abandono e solidão que marcou várias épocas importantes da história mundial. O processo de escolarização e luta da família para garantir direitos para as pessoas com deficiência não se deu de forma rápida, porém hoje já se vê o fruto de alguns desses posicionamentos. Um desses frutos é a Educação Especial, que foi um direito negado por anos, inicialmente tratando dos alunos como casos de patologia, com esforço e aos poucos as instituições foram sendo embasadas em leis e decretos que culminaram na criação dessa parte importante da educação.

Discorreremos também acerca da educação para o surdo, suas dificuldades, quais foram os motivos para o surgimento de métodos para melhorar a comunicação com o indivíduo surdo, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e sua propagação.

### **2.1 Histórico da exclusão que marca a deficiência**

No decorrer dos anos a luta para que as pessoas com deficiências obtivessem direitos foi ficando mais forte e ganhando aliados. Há relatos acerca da Antiguidade, onde a sociedade era formada pela nobreza, então as pessoas que não poderiam servir à nobreza eram excluídas, pois acreditava-se que elas não eram necessárias, segundo Sandra Regina Schewinsky (2004, p.68) afirma que "aquele que não correspondesse a esse ideal era marginalizado e até mesmo eliminado, entretanto guerreiros mutilados em batalhas eram protegidos pelo Estado".

Dessa forma, muitos foram mortos, incluindo as pessoas com deficiência, relatos onde a Grécia, Roma e no Antigo Egito, as pessoas com deficiência eram vistas como amaldiçoadas, e seus pais não queriam se responsabilizar em manter a vida dessas pessoas (GUGEL, 2007). Foi

durante a Idade Média, que a Igreja Católica influenciou diretamente no acolhimento às pessoas com deficiências, mudando então a cruel realidade que cercava as crianças com deficiências que eram abandonadas por seus pais (FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011, p.134).

Ao longo da Idade Moderna (século XV ao XVII), os eventos que marcaram a vida das pessoas com deficiência foi um período de intensa ignorância, pois em toda a Europa crescia o número de pessoas pobres, marginalizadas e com deficiência, então o atendimento às pessoas com deficiência foi ganhando certo desenvolvimento, no entanto, esses atendimentos foram desenvolvidos para amparar os soldados que voltavam da guerra com algum tipo de mutilação, cegos ou surdos (GUGEL, 2007). Após esse período, no século XIX, foram surgindo pessoas interessadas em criar e aprimorar métodos de leitura e comunicação para as pessoas com deficiência, sendo influenciado pela Europa, Dom Pedro II tentava trazer melhorias para o Brasil, sendo então criados os institutos destinados às pessoas cegas e aos surdos (SILVA, 1986).

O século XX resultou em grandes avanços para as pessoas com deficiência. Após um longo período de guerras, a sociedade decidiu investir em melhorias na criação de equipamentos e métodos educacionais criados para auxiliar a vida das pessoas com deficiência. Cresceram os números de organizações e instituições direcionadas ao auxílio desse grupo de pessoas.

Após a Segunda Guerra Mundial, as pessoas precisavam mais uma vez de uma reorganização da sociedade, para apoiar aqueles que estavam precisando de auxílio e atendimento, foi criada então uma a Carta das Nações Unidas, que deu origem à Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1945 em Londres, sendo então criada a Organização das Nações Unidas para Pessoas com Deficiência (ENABLE).

Desse modo, nasceu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que visava fortalecer o que havia sido escrito na Carta das Nações Unidas, sendo um documento que declara todos os direitos que o ser humano possui (GUGEL, 2007). Apesar do tempo, a luta para acabar com o olhar sob a ótica do preconceito ainda é uma realidade, muitos são os desafios a enfrentar. Dentro desse quesito, veremos no próximo tópico como a família e a escola servem e de ponte para vida e educação de uma pessoa com deficiência.

## 2.2 A Deficiência na atualidade e o papel da família e escola

O olhar da sociedade para com a deficiência continua atrelada ao passado, trazendo uma carga de estigmas e preconceitos que há anos vem sendo refutada. Porém a discriminação e a marginalização ainda ocorrem, os valores culturais continuam a propagar a deficiência como sendo algo frágil, incapaz e dependente, essa realidade está presente nas famílias também, logo se a pessoa com deficiência encontra dificuldades no meio familiar ela se sente insegura para encarar a sociedade.

Não se pode deixar de reconhecer que, entre os fatores que exercem influência na formação da personalidade do indivíduo, a família e a escola ocupam um lugar imprescindível e indissociável. Apesar de possuírem características e possibilidades diferenciadas, com bastante frequência essas instituições se superpõem e se complementam, atingindo ambas a conduta do indivíduo de tal modo, que não se pode abordar o desenvolvimento do indivíduo e a sua educação sem tê-las em conta. (PORTELA; ALMEIDA, 2009, p. 149)

Desse modo, a escola se torna tão importante quanto a família para que o desenvolvimento do indivíduo com deficiência seja dado de uma maneira segura e confiante, acolhendo essas crianças e ensinando acerca de seus direitos e deveres, para que no futuro elas sejam capazes de se posicionar e lutar por seu lugar na sociedade. Quando a família se torna parte da luta, ela passa a cobrar da escola um posicionamento, porém, não foi dessa forma que a educação especial ganhou força no Brasil.

As discussões a respeito da implantação da educação especial no Brasil se deu a partir de um grupo de pessoas pertencentes à classe social alta, que no século XIV trouxeram serviços educacionais baseados em métodos que estavam sendo aplicados nos Estados Unidos e na Europa, porém só estas pessoas acessavam esses recursos. Como afirma Mantoan (2003) só cerca de um século depois que os métodos e recursos para educação especial foram incorporadas ao sistema educacional brasileiro, aproximadamente em 1960 o ensino foi instituído oficialmente no Brasil, intitulado de "educação dos excepcionais". Este tema será discutido com mais ênfase no próximo capítulo.

## 2.3 Educação especial no Brasil

No Brasil, a Educação Especial por um longo período foi definida como uma assistência, sem ter a intenção de educar, prestada às pessoas com deficiência, pois para a maioria da população não era possível criar e colocar em execução um projeto educativo para esses alunos (JANUZZI, 2004). Surgiu então o momento médico patológico, onde esses alunos recebiam apenas o atendimento clínico, mas essas pessoas não eram bem vistas na sociedade, não conseguiam ter uma boa comunicação com os outros e eram deixadas de lado por serem tratadas como doentes (PATTO, 1991). Surgiram, então, grupos assistenciais nos meados do século XIX, esses grupos tinham a finalidade de atender os cegos e surdos, porém foi apenas em 1988 que a Constituição Federal atual foi promulgada.

Em 1900, a sociedade começou a mostrar certa curiosidade em relação às pessoas que precisavam de um modo específico de atenção educacional. A partir desse momento começaram a surgir pesquisas científicas e trabalhos técnicos em torno dessas pessoas. Todavia, apenas entre 1957 e 1993 começaram a aparecer projetos e resoluções nacionais oficiais em torno do atendimento educacional especializado. Foi aprovada em 1971 a lei de nº. 5.692, que trazia no artigo 9º uma abordagem especial e diferencial aos “excepcionais”, então começaram a ser criadas novas diretrizes para o ensino fundamental e médio brasileiro.

Em 1961, o Brasil começou a garantir a educação de alunos com deficiência e em 1996 o atendimento educacional especializado passou a ser oferecido de modo gratuito, conforme previa na Declaração de Salamanca (1994), tal declaração iniciou um processo de consolidação para políticas públicas direcionadas a inclusão das crianças com deficiência. Desde então o Brasil passou a ter um maior compromisso acerca da questão da inclusão e levantar a bandeira contra a discriminação em razão de deficiência. Após muitos anos de luta, a Resolução 4 do Conselho Nacional da Educação (CNE) instituiu as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, visando a Educação Especial (Ministério da Educação, 2009). Durante esse processo, a educação para os surdos foi

sendo desenvolvida, apesar de inicialmente não estar ligada à uma educação libertadora, foi um passo importante para a construção dessa área.

## **2.4 Ensino para os surdos**

Durante o século XVI surgiram os primeiros educadores interessados em tratar os surdos como pessoas capazes, porém não existia muita expectativa de vida em torno das pessoas com surdez, pois elas vinham sendo marginalizadas e subestimadas há anos (SKLIAR, 1997). Com diversas dúvidas em torno de como educar uma pessoa surda esses professores começaram a trabalhar, simultaneamente, formas diferentes de educar esses alunos, isso aconteceu em diversos lugares da Europa. Sabe-se, então que a surdez não é algo atual, acerca dessa afirmação, vemos que:

A presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos. (STROBEL, 2008a, p. 42).

No antigo Egito, as pessoas com surdez eram vistas como representação de deuses e acreditava-se que eles eram responsáveis por mediar as relações entre deuses e humanos, dessa forma os surdos eram respeitados, temidos e admirados pelo povo. Porém, na Grécia Antiga, os surdos eram considerados incapazes e acreditava-se que se eles não falavam não podiam raciocinar, outras sociedades matavam os surdos ainda recém-nascidos pois acreditava-se ser um erro (GUGEL, 2007). Durante a Idade Média, a Igreja acreditava que pessoas surdas não tinham salvação por não poderem proferir os sacramentos. Quando surgiu o Renascimento, a razão pregava que os deficientes eram merecedores de alguns direitos. Então começaram a surgir pessoas interessadas em ensinar os surdos, com alfabeto e tentativas de oralização, porém logo esta metodologia foi colocada abaixo, dando início ao ensino da escrita e gestos sinalizados para uma melhor comunicação.

No Brasil, em 1857 a educação para surdos foi oficialmente iniciada após Dom Pedro II trazer o professor surdo Eduard Huet, que auxiliou na fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, oferecendo aos surdos um espaço para escolarização inicial e a oportunidade de criar a Língua de Sinais dos Centros Urbanos (LSCB), porém a meninas surdas só tiveram a oportunidade de estudar quando foi inaugurado o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo, no início do século XX (QUADROS, 1997). No entanto, essa educação apresentava o objetivo de “normalizar” esses alunos surdos, visando obter uma forma real de comunicação com as pessoas surdas. Ao pensar sobre este assunto, entende-se que a educação libertadora não estava incluída nessa realidade, Soares (1999, p. 84) afirma que:

A educação do surdo foi a educação reservada àqueles que não frequentariam a escola, mas necessitariam de um tipo de ensino que visasse supri-lo naquilo que lhe faltava, no caso do surdo, a mudez. Daí, todas as metodologias empregadas, quer tenham sido através de gestos, quer tenham sido através da escrita, ou da fala, preocuparam-se fundamentalmente com a mudez, ou seja, com a possibilidade de estabelecer formas de comunicação simples.

Essa postura contribuiu para fortalecer a crença que as pessoas surdas não possuíam a capacidade de aprender, conduzindo assim o aluno surdo a negar sua identidade. Durante esse processo, a prática oralista ganhou força no Brasil, auxiliando na criação da LIBRAS. Os surdos não aprendiam os conteúdos formais, eles estavam sendo ensinados a oralizar e comunicar-se com os outros. Com a propagação da Língua Brasileira de Sinais, os surdos começaram a se comunicar melhor entre si, obtendo um desenvolvimento social e intelectual maior (GOLDFELD, 2002).

## **2.5 Empoderamento e a luta da mulher surda**

Este capítulo trata sobre o conceito do termo empoderamento, sua origem e como ele chegou ao Brasil, sendo um dos termos usados inicialmente por Paulo Freire. A palavra vem sendo usada com frequência na educação brasileira e no olhar sobre como alcançar a independência em vidas que são julgadas incapazes, na sociedade, ao abordar o feminismo focando em seu objetivo de empoderar a mulher que esteve por muito tempo

sendo subjugada, trataremos da visão estabelecida por Simone de Beauvoir (1980).

Trata-se também da discussão acerca do processo de enfrentamento que a mulher surda precisa travar para conseguir um lugar numa sociedade que pouco oferece espaço para o homem surdo, então a mulher surda acaba por ter que provar que merece, mesmo que seja cansativo e exaustivo.

## 2.6 Empoderamento

O termo “empoderamento”, *empowerment* na língua inglesa, teve seu surgimento no final da década de 70 como uma forma de melhorar o cenário em que se encontrava determinados grupos mais vulneráveis (KLEBA, 2009). Durante esses últimos anos muitas pesquisas têm sido norteadas pelo princípio do empoderamento, essa expressão, apesar de muito usada, não tem uma definição simples.

Esse termo surge como uma idealização do processo de não ter poder e adquiri-lo, assim a pessoa que está vivendo esse processo precisa começar a ganhar autoconfiança, obter informação, e recursos que a ajude a se desenvolver, e tomar o controle da sua vida, de forma que seja capaz de decidir, opinar, mudar e recomeçar toda e qualquer área da sua vida.

Na educação, Paulo Freire trouxe esse termo para o Brasil, mas com um conceito diferente, segundo Valoura (2006, p.3), empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física de qualquer natureza.

Ao pensar na força que a educação tem, fica claro que a visão de Freire era propagar a liberdade que a educação estava oferecendo e que junto com ela se encontrava o empoderamento. O mesmo não se resume a um processo individual, ele se dá também em comunidade, este implica num processo de qualificar grupos ou indivíduos desfavorecidos para uma articulação em pró de um interesse mútuo, buscando conquistar plenamente a cidadania (BAQUERO, 2012).

Porém, se faz necessário adentrar no conceito de empoderamento feminino, dessa forma será possível entender a luta da mulher surda em sua trajetória.

## **2.7 Empoderamento feminino**

Quando se trata do empoderamento feminino esse termo passa a debater sobre a quebra do poder do homem sobre a mulher, dando-lhe autonomia para que ela possa assumir total controle sobre a sua vida e suas escolhas. Desse modo vemos que,

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-las a estudar, a praticar esportes; mas perdoam-lhe mais que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

A escritora Simone de Beauvoir tornou-se um ícone na luta feminista ao levantar um debate sobre gênero e desigualdade em uma época onde esses assuntos não eram tomados como importante, nesse contexto, Rego e Pinzani (2013) afirmam que a cidadania da mulher sempre foi um processo marcado por várias discriminações, mesmo com o passar dos anos a luta é contínua.

Tendo que enfrentar diversas formas de exclusão na vida, as mulheres se tornaram capazes de desenvolver uma resistência ao autoritarismo social e a discriminação de gênero. Para Saffioti (2004, p 93) o empoderamento evidencia o “atribuir poderes às mulheres, elevando, por exemplo, sua auto-estima. Similarmente, empoderam-se as mulheres por meio de ações afirmativas estatais”. Porém, essas mulheres só poderão empoderar-se em suas vidas no momento em que as mulheres se juntarem, para assim vencerem essa luta, e incluir todas as mulheres nessa realidade, mulheres com deficiência se sentem excluídas em vários segmentos, inclusive nesses movimentos feministas. Não sendo diferente o cenário dentro da comunidade surda, as mulheres precisam quebrar paradigmas para avançar em suas vidas pessoais e profissionais, porém elas precisam de intérpretes, professores, amigos e familiares que saibam quais são os



direitos das mulheres surdas dentro da realidade feminina, como sendo parte do movimento e capaz de ser parte dessa mudança.

## **2.8 A superação da mulher surda**

Acerca do homem como tendo um lugar de privilégio na sociedade, destaca-se nessa pesquisa o fato de existirem mais alunos surdos no ensino superior se comparado com as alunas surdas. Assim como na comunidade ouvinte, a comunidade surda apresenta a mesma relação de poder que é entregue ao homem, em relação a similaridades e diferenças entre surdos e ouvintes Skliar (1998) afirma:

A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante.

Sendo um caminhar de olhares e diálogos que cercam as duas comunidades, é necessário falar sobre a exclusão da mulher surda e sua luta para conseguir sair desse lugar de discriminação. Desde o início da educação especial de surdos no Brasil o pensamento de exclusão permeia o discurso social, e seguia o raciocínio de que “as meninas surdas não educadas não se constituíam em problema para sua família e sociedade, diferentemente dos meninos surdos” (KLEIN, 2005, p. 18), fortalecendo discursos sociais e familiares atuais.

Ao se tratar do ensino superior, as mulheres surdas estão atreladas aos cursos de Pedagogia e licenciaturas em sua maioria, reforçando o estigma que a mulher nasceu para o magistério, assim, “a feminização do trabalho docente também acontece na comunidade surda” (GARCIA, 2005). O estigma de ser mulher uma deficiente está exposta nas respostas de mulheres ao questionário aplicado mais a frente, onde elas afirmam existir a dificuldade de trabalhar em outras áreas longe da educação. Moreira (1998) afirma que para a mulher surda a questão do gênero feminino é entendida como uma questão de sexualidade, apenas pelo olhar biológico.

Evidencia-se que a luta da mulher surda traz um peso maior por todas as questões de gênero que envolve o “ser mulher”, um desses desafios é a questão da marca de exclusão da deficiência, como dito anteriormente. Ao buscar mulheres surdas em cursos presenciais na UFPB, ficou claro que esta ainda é uma área de pouco acesso para tais pessoas, em suma, os alunos surdos dessa instituição estão ingressando em cursos de Ensino À Distância (EAD) como Letras/Libras<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O curso de Letras-Libras da UFPB é na modalidade a distância. Conta com livros didáticos acompanhados de tradução em Libras. As provas são presenciais e são realizados encontros presenciais nos polos ou na UFPB. Foi regulamentado pela resolução nº 16/2015. O corpo docente é formado por professores efetivos da UFPB. Seus professores de Libras são surdos e ouvintes fluentes em Libras. Os alunos são acompanhados por professores e tutores. Vinculado ao curso há projetos de extensão, de ensino e, em breve, de pesquisa.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa metodológica, para GIL (2007, p. 17), "é definida como o [...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Esta pesquisa consiste em análise documental, pesquisa de campo e na aplicação de um questionário, buscando aprofundar o tema abordado.

Sendo um norteador para a pesquisa, o processo metodológico traz eficácia e credibilidade ao pesquisador e a sua pesquisa, pois como afirmam Barreto; Honorato, (1998) o procedimento metodológico é um conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executadas ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos.

Ao que diz respeito aos processos técnicos, foi feito uma revisão bibliográfica com o objetivo de selecionar referenciais teóricos que embasaram uma visão qualificada sobre a surdez, a mulher surda e seus processos.

Pesquisa bibliográfica é aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios eletrônicos, etc. A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para que se conheça e analise as principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto (TREINTA, 2011, p. 67).

Após revisar os processos bibliográficos sobre o tema-problema, uma pesquisa de campo foi realizada para embasar o processo de compreensão acerca do tema e como ele se desenvolve na vida real, fundamentada também, no método de investigação através da coleta e análise de dados, uma vez que os sujeitos investigados fazem parte do processo como instrumento primordial para que se consiga atingir os objetivos.

A análise desses dados será a partir de uma fundamentação teórica consistente para proporcionar uma melhor elucidação do objetivo da pesquisa (GIL, 1999).

A pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o

assunto, pois é nesta etapa que ele define os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Dessa forma, a pesquisa de campo se torna um meio eficaz de delimitar e concretizar os caminhos metodológicos da pesquisa, objetivando entender os acontecimentos da vida real.

Em relação à abordagem, este estudo enquadra-se na pesquisa qualitativa, uma vez que objetivamos coletar depoimentos dos sujeitos, possibilitando uma relação mais estreita entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2011, p. 28).

O questionário “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” (MARCONI; LAKATOS, 1996 p.100).

### **3.1 Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a pesquisa contou com 5 alunas de 3 centros, nos cursos de Matemática, História, Letras/Português e Fisioterapias, localizado em João Pessoa – PB. Nesta fase foi realizada a pesquisa de campo que segundo Gonçalves (2001, p. 67).

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Desse modo, a motivação da escolha do lugar deu-se através da vivência da pesquisadora nessa universidade. Diante da realidade referente as dificuldades enfrentadas pelos alunos regulares no ensino superior, a necessidade de debater o assunto tornou-se meritório.

### 3.2 Participantes da pesquisa

Para Demo (1999, p.16) “em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem”. Sendo assim, os sujeitos da pesquisa foram compostos por cinco mulheres surdas, estudantes da UFPB.

O instrumento escolhido, questionário, deu-se em função de um melhor esquadramento na coleta de dados para registrar, reunir informações e examinar os dados. Pretende-se obter, com esse instrumento, informações significativas e compreender as experiências dos envolvidos, tornando a pesquisa mais cabal, unindo teoria e prática. Segundo Barbosa (2008), o questionário é uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender as finalidades específicas de uma pesquisa.

**Quadro 1 - Participantes da pesquisa**

Alunas	Idade	Raça/Cor	Estado Civil	Trabalha	Filhos (as)
Aluna 1	20 anos	Parda	Solteira	Não	Não
Aluna 2	26 anos	Negra	Casada	Sim	Sim
Aluna 3	29 anos	Parda	Divorciada	Não	Sim
Aluna 4	31 anos	Negra	Casada	Sim	Sim
Aluna 5	32 anos	Branca	Solteira	Sim	Não

**Fonte:** dados da pesquisa.

Conforme Chizzotti (1998, p. 55), “[...] o questionário consiste num conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa”. Sua composição é variada, podendo ser constituído de questões de resposta aberta, fechada ou mista. O questionário, que deve estar fundamentado nos objetivos da pesquisa, apresentou questões para o reconhecimento dos sujeitos participantes e a partir dos dados coletados foi possível analisar quais fatores levaram essas mulheres surdas à ingressarem na UFPB. O questionário aplicado é composto por 20 questões, e a análise se deu a partir de 15 questões.

As alunas que participaram da pesquisa foram encontradas a partir de uma visita à Reitoria da UFPB, no setor de Gestão de Pessoas (PROGEP) e eles encaminharam um e-mail aos centros que possuíam alunos surdos presenciais informando da presente pesquisa e alguns centros responderam, após essas respostas houve o levantamento de quantas alunas surdas estavam cursando e o e-mail delas para entrar em contato. O e-mail foi enviado para 12 alunas, porém apenas 5 responderam, após esse primeiro contato, tivemos que buscar um intérprete para auxiliar tais alunas durante a aplicação do questionário, isso demandou mais tempo, o processo inicial durou quarenta e cinco dias, todo o processo durou quatro meses.

Após a coleta de dados ocorreu a análise e discussão dos dados coletados, estes serão apontados no tópico subsequente.

### **3.3 Análise e discussão dos dados coletados**

Para obter uma análise reflexiva, a apresentação, a análise e a discussão dos dados coletados devem ser feitos através das respostas obtidas a partir da aplicação do questionário, as quais serão confrontadas com os contextos teórico-bibliográficos, buscando realizar uma análise comparativa e interpretativa acerca dos dados coletados.

Com as informações obtidas na UFPB, foi aplicado um questionário aberto, em horário previamente combinado com as participantes, com 20 (vinte) questões.

Para uma melhor abordagem dos dados levantados entre as discentes, é importante justificar que, para efeito de análise, foram utilizados codinomes para identificar os sujeitos posteriormente, tais como: Aluna 1, Aluna 2, Aluna 3, Aluna 4 e Aluna 5.

Inicialmente, analisou-se quantas alunas tiveram acesso ao ensino público ou ensino em instituição privada. Como pode ser visto no quadro II, as alunas tiveram acesso à educação básica regular.

**Quadro 2** - A sua escolaridade básica foi dada em instituições públicas ou privadas?

Alunas	Escola Pública	Escola Privada
<b>Aluna 1</b>		X
<b>Aluna 2</b>	X	
<b>Aluna 3</b>	X	
<b>Aluna 4</b>	X	
<b>Aluna 5</b>	X	

**Fonte:** Levantamento da pesquisa. Junho/2018.

Conforme as respostas obtidas, foi observado que apenas uma das alunas teve acesso ao ensino regular em uma instituição privada, como foi observado no Quadro 2. O fato de estudar em escola regular e em instituições que não são bilíngues, traz à tona a realidade do surdo não conviver com outros surdos. Como Gesueli (2006) fala da importância do contato das crianças surdas com a língua de sinais e com professores surdos, podemos traçar paralelos entre o ensino recebido e as dificuldades encontradas.

Gesueli ainda (2006) afirma que o dia a dia dos alunos surdos uns com os outros oportuniza que, desde muito cedo, essas crianças estabeleçam uma vinculação de reconhecimento e pertencimento à comunidade surda, sem que isso resulte em um olhar sobre si mesma como deficiente: “Temos observado, então, que o reconhecimento de sua condição surda começa a aparecer em crianças na idade de 5-6 anos. Antes do contato com o surdo adulto esse reconhecimento se dava tardiamente ou nem chegava a acontecer” (GESUELI, 2006, p. 286).

Essas alunas reconhecem que tiveram que lidar com dificuldades provenientes da falta de comunicação ou uma comunicação precária, no entanto a falta do ensino de libras não costumava ser debatido. No contexto de interação, de distanciamento das necessidades e dos interesses que regem o ambiente escolar e como a comunicação determina o sucesso ou a dificuldade na aprendizagem, vemos que as relações que serão estabelecidas em sala de aula não implicam, simplesmente na boa vontade, mas requerem algumas questões sobre ser aluno, sobre o professor e sobre a identidade do ser (TARTUCI, 2005). Torna-se possível distinguir como os alunos surdos dependem de tentativas individuais dos alunos e dos professores em buscar aprender LIBRAS ou métodos para se comunicar. Como explica Lodi (2005, p. 40).

Aqueles que se propõem a trabalhar na educação de sujeitos surdos devem fazê-lo a partir de uma visão da heterogeneidade constitutiva das relações sociais e linguísticas e, para tanto, é fundamental que uma política educacional voltada para a diversidade social e cultural seja delineada.

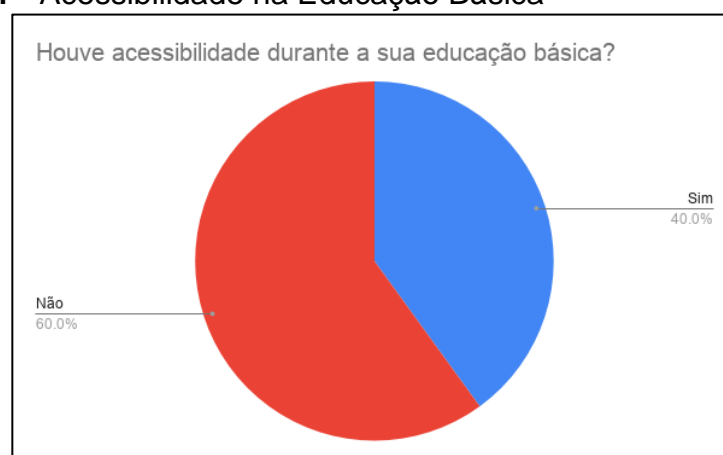
Pensamos, então, sobre a contrariedade de relação entre aluno surdo, professor e intérprete, baseado em Bakhtin (1992), para quem a produção das significações ocorre na interlocução entre pessoas e na interação de vozes carregadas de valores culturais e ideológicos que ecoam nas enunciações dos diferentes interlocutores. Embora haja esforço das propostas de educação para a inclusão dos surdos, o fato de não terem uma língua compartilhada com seus colegas e professores coloca-os em situação de desvantagem perante aos demais (LACERDA; LODI, 2014a). A LIBRAS



torna-se necessária pelo lugar central que ocupa nos processos de significação, e não apenas por seu caráter comunicativo imediato.

Ao analisarmos as respostas em relação as dificuldades e a presença de acessibilidade durante a educação básica, identificamos que 60% das participantes da pesquisa não tiveram acesso a métodos que as amparassem em relação a um reforço ou um recebimento de ferramentas de acessibilidade para alunos surdos.

**Gráfico 1 - Acessibilidade na Educação Básica**



**Fonte:** Dados da pesquisa. Junho/2018.

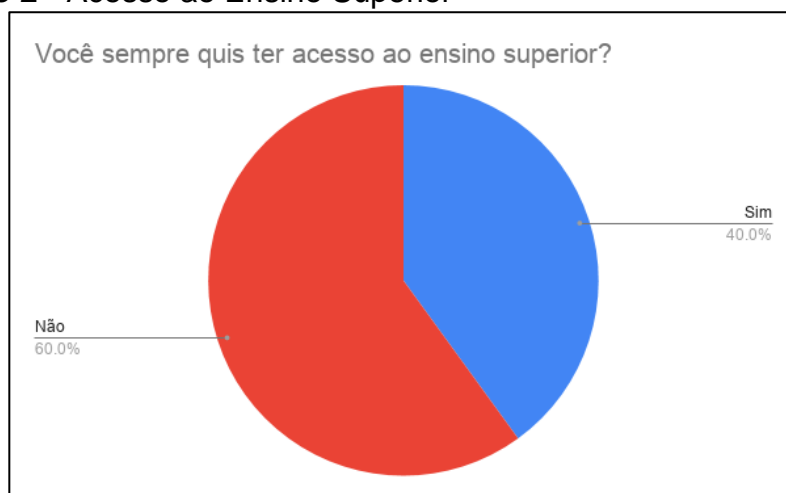
Desse modo, entendemos que muitas instituições enfatizam mais a socialização do que a aquisição de conhecimentos formais e ao desenvolvimento de competências lógico-matemáticas, à cultura geral e à leitura (VIROLE, 2005).

A análise da questão 9 abordou a acessibilidade fora da escola e 100% das alunas afirmaram ter recebido apoio na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), que foi fundada em 1991 e trouxe à Paraíba um apoio inovador para todas as pessoas com deficiência do estado. Nessa perspectiva de apoio ao aluno com deficiência, avaliamos que para as alunas surdas, as dificuldades de leitura e escrita acabaram desviando a energia e a atenção da construção de conhecimentos nas áreas do conteúdo do ensino regular (VIROLE, 2005).

Além disso, como assegura Dorziat (1999), as crianças surdas geralmente ingressam na escola com pouco conhecimento de mundo devido a restrições linguísticas que há na própria família, no caso de pais ouvintes. Durante o amadurecimento, as crianças têm suas descobertas e

experiências de vida, baseadas em situações vividas em ambientes de comunicação social, tal como a escola, família, atividades esportivas e extracurriculares, todos esses ambientes contribuem para o conhecimento do mundo e do indivíduo no mundo em que vive, a criança surda tende a ser excluída pela falta da comunicação e por não compreender o mundo em que vive. A comunicação é a chave para o conhecer o mundo e se autoconhecer.

**Gráfico 2 - Acesso ao Ensino Superior**



**Fonte:** Dados da pesquisa. Junho/2018.

Em relação ao acesso ao ensino superior, apenas 40% das alunas afirmaram que já sentiam o desejo de chegar até uma instituição de ensino superior, as que não tinham esse interesse foram incentivadas, seja por influência da família, professores, amigos ou por visar uma determinada profissão, o que originou um olhar focado nesse objetivo, em estar inserida na realidade acadêmica.

**Quadro 3 - O Ingresso ao Ensino Superior: Quem ou o que te influenciou a ingressar no ensino superior?**

Aluna 1	<i>Durante minha infância vi meus pais estudando e indo para a faculdade, e durante minha adolescência vi meus irmãos seguindo esse caminho, então eu sabia que era algo bom e eu decidi seguir os passos dele.</i>
Aluna 2	<i>Uma professora do Lyceu Paraibano.</i>
Aluna 3	<i>Meu marido ouvinte que já é graduado.</i>
Aluna 4	<i>Meu desejo de ensinar e minha família.</i>

Aluna 5	<i>Meus amigos surdos da Funad.</i>
---------	-------------------------------------

**Fontes:** Dados da pesquisa. Julho/2018.

A conjuntura universitária é contestadora para todos os jovens, os problemas de adequação à vida acadêmica e às obrigações que ela impõe direcionam esses alunos, algumas vezes, ao fracasso, a exaustão e a desistência. Para obter a compreensão das novas informações e dos novos conhecimentos, os alunos surdos têm que superar as falhas da trajetória escolar anterior, como deficiências de linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de textos (SAMPAIO, SANTOS, 2002). Mas, a integração requer não apenas capacidade para o desempenho das atividades acadêmicas, como também para o envolvimento com os colegas, os professores e o ambiente.

Assim como todos os jovens, os jovens surdos terão de enfrentar as expectativas, normas e modos de funcionamento diferentes daqueles de sua experiência escolar, essa adaptação à essa nova realidade dependerá de suas características pessoais, habilidades, de sua história e da forma como encara esse período de desenvolvimento próprio da faixa etária do jovem adulto, marcado pela construção da identidade, da autonomia, de ideais e de relações interpessoais (FERREIRA; ALMEIDA; SOARES, 2001).

**Quadro 4 - Barreiras encontradas para ingressar no ensino superior: Quais as principais barreiras que você encontrou para ingressar numa graduação?**

Aluna 1	<i>A preparação para o Enem, pois não existem muitos professores dispostos a ensinar um surdo, contei com a ajuda dos meus pais e de vários intérpretes.</i>
Aluna 2	<i>A maior barreira foi o Enem, pois passei 4 anos tentando e senti muita dificuldade</i>
Aluna 3	<i>Estudar estando grávida e já tendo 2 filhos</i>
Aluna 4	<i>Conseguir entender todo o conteúdo do vestibular</i>
Aluna 5	<i>Minha família que não apoiava e a quantidade de conteúdo para estudar</i>

**Fontes:** Dados da pesquisa. Julho/2018.

O quadro 4 traz as barreiras que foram enfrentadas pelas alunas, em comum é possível evidenciar o vestibular e a quantidade de conteúdos para estudar, devido a deficiência as alunas relatam que foi mais difícil absorver todos os conteúdos, não conseguir se sentir confiante para fazer os exames e a necessidade de intérpretes preparados. Santos justifica a ausência do surdo no Ensino Superior pelo fato de não haver intérpretes nas faculdades: “Na faculdade não tem intérprete. Não tem surdo”. Entretanto, segundo relatam as participantes, a existência deste profissional não garantia a presença do surdo no ambiente acadêmico porque nem todos os surdos pretendem seguir para o ensino superior. Bisol, Valentini, Simioni e Zanchin (2010) afirmam em sua pesquisa sobre a inclusão de surdos no Ensino Superior que, mesmo com o acompanhamento do intérprete de LIBRAS, o método de avaliação e o ambiente universitário é regido por normas do mundo ouvinte e, por isso, requer um esforço maior na adaptação para o surdo, entre elas, está a diferença linguística e sensorial, importante no estabelecimento das relações sociais.

**Quadro 5 - Mulheres surdas no ensino superior: Você considera importante o ensino superior para as mulheres com deficiência?**

Aluna 1	<i>Sim, pois não é comum ver mulheres com deficiência trilhando um caminho em direção à graduação.</i>
Aluna 2	<i>Sim, pois a mulher surda sofre muita discriminação, como se a surdez fosse uma deficiência que a impossibilita de estudar e trabalhar.</i>
Aluna 3	<i>Sim, pois as mulheres surdas aprendem que devem ficar em casa e não trabalhar, mas a universidade nos mostra o outro lado</i>
Aluna 4	<i>Sim, é muito importante que a mulher surda saiba que ela pode ir além</i>
Aluna 5	<i>Sim, pois a educação é chave para libertar as pessoas</i>

**Fontes:** Dados da pesquisa. Julho/2018.

Ao que se refere às mulheres com deficiências no ensino superior, equiparamos as realidades por elas vividas como uma comparação a suas dificuldades já no ensino regular básico. Copavilla (2010) afirma que o espaço da inclusão está em clima de abandono da escola pelos estudantes surdos, visto que estamos em um mundo que vê educação inclusiva como

educação igual para todos. A mulher surda segue sendo marginalizada e correndo o risco de não obter a alfabetização, pois a sociedade ainda prega a vulnerabilidade excessiva do gênero feminino.

Uma mudança só poderá ocorrer se uma transformação nas relações estabelecidas por estes sujeitos nas diversas esferas sociais for objetivada, quando, então, poderão realizar uma aproximação das diferentes linguagens sociais em Libras e em língua portuguesa, considerando que o saber da primeira é determinante na construção dos saberes na segunda. (LODI; MOURA; 2006, p. 10).

As alunas surdas que ingressam no ensino superior enfrentam tantas dificuldades que se torna evidente o fato de serem poucas as que realmente conseguem chegar até esse ambiente e manter-se focada.

**Quadro 6** - Curso, rotina acadêmica e dificuldades:

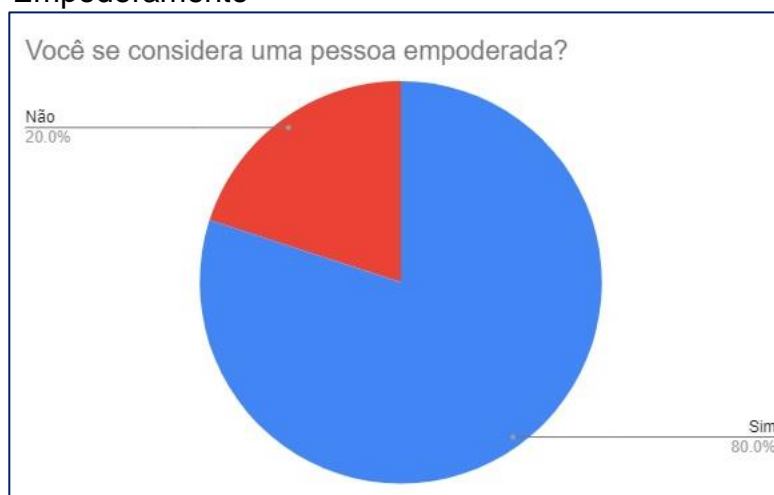
	Qual curso você está matriculada na UFPB?	Como é o seu dia a dia na universidade? Você tem apoio?	Você enfrenta alguma dificuldade no seu curso? Se sim, quais?
Aluna 1	<i>Letras/Português</i>	<i>É bem cansativo, pois tenho encontros com alguns professores durante a manhã, durante a tarde ajudo alguns alunos de LIBRAS do CCHLA e a noite tenho aula.</i>	<i>A maior dificuldade é a comunicação, infelizmente são poucos que desejam aprender LIBRAS.</i>
Aluna 2	<i>Fisioterapia</i>	<i>Tranquilo, tenho aula manhã e tarde e à noite estudo em casa.</i>	<i>Sinto a dificuldade por depender de intérpretes, pois as pessoas não sabem muito de libras, e se não tiver intérprete fico sem comunicação.</i>
Aluna 3	<i>Matemática</i>	<i>Minhas aulas são tranquilas, consigo me comunicar bem com a turma graças a intérprete</i>	<i>A maior dificuldade é conseguir estudar todo o conteúdo</i>
Aluna 4	<i>Letras/Português</i>	<i>Hoje em dia meu curso é noturno, então consigo estudar bem pela manhã. Meus amigos me apoiam muito.</i>	<i>O meu trabalho me deixa um pouco cansada, as aulas a noite ficam difíceis de entender, mas eu tenho conseguido.</i>
Aluna 5	<i>História</i>	<i>Tenho apoio de intérprete e alguns colegas que já fizeram libras, minha rotina é tranquila</i>	<i>A maior dificuldade é me comunicar com os professores</i>

**Fontes:** Dados da pesquisa. Julho/2018.

Ao explorar as respostas das questões sobre a rotina no ensino superior as discentes deixaram explícito que não é fácil conciliar a vida acadêmica com os outros compromissos de suas agendas. As respostas

evidenciam que o intérprete se faz necessário para além do conteúdo educacional, mas acaba por intervir na socialização das alunas com seus professores e colegas. Essa discussão é para além dos objetivos do presente estudo, pois registra-se aqui esse dado na esperança que pesquisas consistentes sejam realizadas a respeito. Segundo Martins (2007, p.188): “A partir do momento que o ILS [intérprete de língua de sinais] educacional se torna figura presente na educação dos surdos, cabe perfeitamente o questionarmos das práticas e efeitos discursivos suscitados desta ação”. O questionamento que marca essa afirmação é a respeito da relação entre alunos surdos e intérpretes, porém enfatizamos a necessidade de professores e alunos dominarem, ao menos, o básico de LIBRAS.

**Gráfico 3 - Empoderamento**



**Fonte:** Dados da pesquisa. Julho/2018.

O empoderamento foi um tema complexo para explicar às alunas surdas, pois, até então, elas ainda não haviam aprendido muito sobre o assunto. Após um longo momento de explicação, 80% das alunas afirmou se identificar como alguém independente e com poder de decisão acerca de si, ainda assim, 20% se intitulou dependente, ainda, mas com expectativas de logo se tornar responsável por suas próprias escolhas. Entender que os direitos das mulheres se ampliam às mulheres surdas é um passo fundamental para a luta das mesmas, é necessário construir, por meio do conhecimento científico, a visão da mulher surda como uma extensão da mulher ouvinte e da mulher deficiente, visto ela ser usuária de língua de sinais e necessitada de comunicação visual.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas com deficiências no ensino superior, é um tema bastante explorado por vários autores, mas que ainda há uma série de problemas que precisam serem investigados com o intuito de minimizá-los ou superá-los. Ainda assim, pouco foi explorado a surdez e em especial a mulher surdas nesses ambientes.

Através do objetivo geral da pesquisa, que buscou analisar quais fatores levaram as mulheres surdas a ingressarem na Universidade Federal da Paraíba e como as relações pessoais podem resultar em possíveis benefícios para o ingresso no ensino superior, esperamos que este trabalho possa provocar reflexões constantes para os professores e para os estudantes, surdos e ouvintes, da área educacional e assim contribuir na sua formação acadêmica e profissional.

Através dos objetivos específicos que investigaram quais dificuldades que as mulheres enfrentaram durante a caminhada para uma educação superior, analisamos como se deu a escolarização básica dessas mulheres, quais fatores foram essenciais para o ingresso na educação superior e traçamos os fatores que levaram tais mulheres à consciência do seu empoderamento.

Sendo assim, o ingresso de mulheres surdas no ensino superior apresenta-se como um desafio que exige, principalmente por parte do professor em sua prática pedagógica, verificar repetidamente, se seus projetos e matérias oportunizaram ao aluno surdo construir realmente um conhecimento significativo. Desafios que devem ser enfrentados, mesmo quando os meios favoráveis entre os pares de trabalho não beneficiam para a transformação da prática pedagógica.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para futuras pesquisas sobre o mesmo tema, com o intuito de enriquecer ainda mais a consolidação da caminhada dessa temática.

De forma geral, os resultados dessa pesquisa permitem identificar alguns dos desafios que os estudantes surdos enfrentam no ensino superior, em especial as mulheres. A respeito da identidade surda, é visível que estar em um ambiente onde a surdez e a comunicação visual não são a regra

exige muito dos alunos. Desde que contem com o apoio das instituições de ensino, os jovens surdos podem ter experiências excepcionais em um contexto de diversidade e heterogeneidade. Como afirma Breivik (2005), isso pode contrabalançar aspectos negativos de identidades percebidas de modo rígido, por vezes até mesmo separatista. Por exemplo, chama a atenção que, em nenhum momento de suas falas, as participantes da pesquisa tenham se referido aos ouvintes como “colegas”.

Sendo assim, a busca por uma educação especial inclusiva no ensino superior é de suma importância para estabelecer um espaço acadêmico diversificado, pois como foi constatado nesta pesquisa, muitos professores e alunos ouvintes não se comunicam de forma efetiva com as alunas surdas, as vezes até divergindo deles, desse modo, dificultando o processo ensino-aprendizagem que deve orientar todo docente.

Assim, almeja-se, que este trabalho contribua para que as instituições de ensino superior possam refletir sobre quais métodos e recursos utilizar de forma efetiva no auxílio aos alunos surdos, as mulheres surdas sentem-se sozinhas e pouco incentivadas a continuar no âmbito acadêmico, certas que o ensino superior se tornará ainda mais difícil que suas experiências no ensino regular. Traçar caminho metodológicos que auxiliem essas mulheres a se sentirem parte importante da história surda e que elas possam ser agentes pessoais de suas próprias vidas.



## REFERÊNCIAS

- BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. **Empoderamento**: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.
- BARBOSA, Maria C. S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Artmed. Porto Alegre P Alegre: Artmed, 2008.
- BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar de Freitas. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.
- BISOL, Cláudia Alquati; VALENTINI, Carla Beatris; SIMIONI, Janaína Lazzarotto, ZANCHIN, Jaqueline. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. Translated by Robert Dinham. *Cad. Pesqui.* [online]. 2010, vol.40, n.139, pp.147-172.
- BRASIL. **Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas e critérios para a promoção da acessibilidade, D.O.U de 20/12/2000, Brasília.
- \_\_\_\_\_, **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências, D.O.U de 25/04/2002, Brasília.
- \_\_\_\_\_. **Princípios de Empoderamento das mulheres: Igualdade significa negócios**. UNIFEM. Disponível em: Acesso em maio de 2018.
- BECKER, Daniel, et al. **Empowerment e avaliação participativa em um programa de desenvolvimento local e promoção da saúde**. *Ciência e saúde coletiva*, v. 9, n.3, p.655-667, 2004.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BREIVIK, J-K. (2005). **Deaf identities in the making**. Washington, DC: Gaulladet University.
- CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D.; MAURICIO, A.C.L. Novo Deit-Libras: **Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingüe da Língua Brasileira de Sinais (Libras) baseado em Lingüística e Neurociências Cognitivas**. São Paulo: Edusp, 2010.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências Humanas e Sociais**. 4ª edição. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 28.
- DOZIART, Ana. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. In: SKLIAR, Carlos (org.) **Atualidades da educação bilíngue**

**para surdos:** processo e projetos pedagógicos. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

DEMO, Pedro. **Educação Hoje:** “Novas” Tecnologias, pressões e oportunidades. – São Paulo: Atlas, 1999.

FERNANDES, Lorena Barolo, SCHLESENER, Anita. MOSQUERA, Carlos. BREVE HISTÓRICO DA DEFICIÊNCIA E SEUS PARADIGMAS. **Revista do Núcleo da Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.2, 2011.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. **Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano:** diferenças de gênero, situação de estudante e curso. *PsicoUSF*, Itatiba, v.6, n.1, p.1-10, jan. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.27, n.94, p.277-292, jan. 2006.

GARCIA, Maria Manuela A., HYPOLITO, Álvaro M. e VIEIRA, Jarbas S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, Março de 2005, vol. 31, nº 1.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis : Obra Jurídica, 2007.

JANNUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil:** dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.

KLEIN, Madalena. Educação e Movimentos Surdos: histórias de rupturas e contestações In: KARNOPP, Lodenir. Becker KLEIN, Madalena. **A língua na educação do surdo**. Volume 1. Porto Alegre, Secretaria Estadual de Educação/ Departamento Pedagógico/ Divisão de Educação Especial, 2005, p. 15 - 24.

KLEBA, Maria Elisabeth and WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento**: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Saude soc. [online]. 2009, vol.18, n.4, pp.733-743.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência – a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LODI, A.C.B., Plurilinguismo e surdez: uma bakhtiniana da história da educação dos surdos. Educação e Pesquisa vol. 31, nº 3, 2005, p. 409-424.

LONGMAN, Liliane Vieira. **Memória de Surdos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana, 2007.

\_\_\_\_\_. ONU Mulheres, **Entidade das Nações Unidas para a igualdade de gênero e o Empoderamento das mulheres**. Disponível em , Acesso em maio de 2018.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projetos de pesquisa**: do ensino fundamental ao ensino médio. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MOREIRA, M.A. **Aprendizagem significativa**. Editora da UnB. Brasília. 1999.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** — São Paulo : Moderna , 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar**. São Paulo, Ed. T. A. Queiroz Editor LTDA, 1991.

PORTELA, CPJ., and ALMEIDA, CVPJ. Família e escolar: como essa parceria pode favorecer crianças com necessidades educativas especiais. In: DÍAZ, F., et al., (orgs). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 148- 159.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

REGO, W. L.; PINZANI, A.. **Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania**. 2013. Unesp, São Paulo: 249p.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos Surdos. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Sampaio, I. S., & Santos A. A. A. Leitura e redação entre universitários: Avaliação de um programa de remediação. **Psicologia em Estudo**, 7. 2002. P. 31-38.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SCHEWINSKY, S. R. ; **A barbarie do preconceito contra o deficiente - todos somos vítimas**. Acta Fisiátrica, São Paulo, v. 11, n.01, p. 07-11, 2004.

Scott Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS corpo, 1999.

SILVA, Otto Marques da. **A Epopéia Ignorada** : A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo : CEDAS, 1986.

STROBEL, Karin L. A **visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. Educação temática digital. v. 7, n. 2, 2006. p. 244-252.

Karin L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. \_\_\_\_\_ In: QUADROS, R.M. PERLIN, G.(organizadoras). **Estudos Surdos II**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Arara Azul, 2007.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

TARTUCI, Dulcéria. **Re-significando o "ser professora"**: discursos e práticas na educação de surdos. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP, 2005.

TREINTA, F. **Novas Oportunidades de Negócio com Impacto Social através da Inovação**: Proposta de Modelo de Negócio Social. 2011. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2006.

VIROLE, B. **Adolescence et surdit  **. 2005. Disponível em: <http://www.benoitvirole.com>. Acesso em: 16 janeiro 2019.

UNESCO, Organiza  o das Na  es Unidas, **Educativo, Científico e Cultural**. Disponível em: Acesso em: 04 de abril de 2018.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezado (a) Discente, eu, Aretha Maria Dias de Miranda, estudante Concluinte do curso Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, estou realizando um trabalho de pesquisa intitulado **ESTUDO SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO DE MULHERES SURDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS I** Sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms. Aurenisia Coutinho Ivo, visando cumprir uma exigência acadêmica, como requisito de avaliação para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Necessito de sua atenção para preencher este questionário e pretendo verificá-lo, para identificar e analisar como foi a trajetória e o processo de empoderamento de mulheres surdas até chegar ao ensino superior.

Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados informados.

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## APÊNDICE B: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

1. Idade:
2. Raça/Cor:
3. Religião:
4. Estado civil/Orientação sexual:
5. Têm filhos/as? Se sim, quantos/as?
6. Como foi sua escolaridade básica? Estudou em escolas especiais ou regulares? Públicas ou Privadas?
7. Durante a educação básica você enfrentou dificuldades? Se sim, quais?
8. Existia acessibilidade durante sua educação básica?
9. Além da escola, que outros tipos de apoio pedagógico você teve acesso?
10. Você sempre quis ter acesso ao ensino superior?
11. Quem ou o que te influenciou a tomar essa decisão ingressar no ensino superior?
12. Quais as principais barreiras que você encontrou para ingressar numa graduação?
13. Como foi sua forma de acesso ao ensino superior? Você teve acessibilidade durante o processo seletivo?
14. Você considera importante o ensino superior para as mulheres com deficiência?
15. Qual o curso que você faz na Universidade Federal da Paraíba (UFPB)?
16. Como é o seu dia a dia na universidade? Você tem apoio?
17. Você enfrenta dificuldades no ensino superior? Se sim, quais?
18. Você percebe alguma barreira relacionada a questão de gênero? Se sim, quais?

19. Durante o seu curso, você já pensou em desistir?
20. Quais as metas que você almeja alcançar na sua vida profissional após a conclusão do seu curso?
21. Você trabalha? Se sim, em que tipo de instituição (exemplo: escola, comércio, organização não governamental e etc)
22. Para você, o que é empoderamento? Você se considera uma pessoa empoderada, protagonista da sua história?